

## A FÁBULA COMO UM SIMULACRO DE UMA REALIDADE

André Luiz Gaspari Madureira\*

**RESUMO:** *O presente trabalho pretendeu analisar uma fábula de Millôr Fernandes e identificar nela a presença de um ambiente social e histórico. Nesse intuito, utilizou-se o aporte teórico da Análise do Discurso, mobilizando postulados apresentados por Althusser acerca dos Aparelhos Ideológicos de Estado, a Teoria Polifônica da Linguagem, de Ducrot, além da concepção de ideologia de Chauí. A partir do referido arcabouço teórico, buscou-se analisar a fábula no sentido de reconhecer mediante as marcas discursivas a caracterização de um universo real, atribuindo-lhe não só a propriedade de produção ficcional, e sim de simulacro de uma realidade.*

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Fábula; Ideologia.

### INTRODUÇÃO

A presente análise faz parte do trabalho monográfico elaborado no Curso de Especialização em Estudos Lingüísticos e Literários intitulado “Fábula: simulacro de uma realidade”, promovido pela Universidade Federal da Bahia, e insere-se no projeto coletivo “Estudo diacrônico da fábula: da antiguidade clássica à contemporaneidade brasileira”, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso – NEAD .

O que motivou a realização da pesquisa foi a necessidade que se fez de conhecer o percurso discursivo de textos, analisando-os a partir de um parâmetro sócio-histórico, visando evidenciar a sua relação com o contexto em que foram produzidos. Dessa forma, buscou-se na fábula analisada relações de identidade com a situação social em que incidiu.

Para a efetivação da pesquisa, será analisada a fábula “*A galinha reivindicativa*”, de Millôr Fernandes, escritor brasileiro que viveu, na segunda metade do século XX, lutas políticas e grandes inquietações na sociedade. Costuma utilizar o humor como veículo para disseminar suas críticas e seus posicionamentos ideológicos. Sempre engajado em posicionar-se criticamente diante dos acontecimentos político-sociais de sua época, tornou-se um escritor de prestígio que, como grandes outros escritores, utiliza as fábulas para expressar seus pensamentos, suas idéias. Dessa forma, configura-se como um desafio analisar a referida produção de Millôr Fernandes levando em consideração o desenvolvimento irônico utilizado para caracterizar aspectos histórico-sociais da época em que figurou. Assim, buscar-se-á na camada alegórica da fábula a caracterização de um universo social, que é nela ironizado, além de representarem, também, um instrumento ideológico estruturado no intuito de disseminar pensamentos acerca da sociedade em uma época de repressão, de cerceamento do direito à livre expressão de pensamentos.

Por volta do séc. XII a.C., há relatos escritos que evidenciam a existência de um gênero de composição que traz consigo aspectos textuais os quais desenvolvem uma cadeia semântica de ordem reflexiva. Esta, por sua vez, não pode ser analisada com profundidade enquanto desvinculada de um referente contexto sócio-histórico, já que, em uma de suas propriedades, a

---

\* Especialista em Estudos Lingüísticos e Literários, mestrando em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA – e pesquisador do Núcleo de Estudos da Análise do Discurso – NEAD. [almadureira@ig.com.br](mailto:almadureira@ig.com.br). Orientador: Professor Doutor João Antonio de Santana Neto. Co-Orientadora Professora Maria José Campos Rocha.

fábula se caracteriza justamente por evidenciar as virtudes e os defeitos do caráter humano – os quais se cristalizam em uma determinada sociedade. Assim, geralmente apresentava uma reflexão de ordem moral que se materializava mediante elementos, tais como: a ironia, a denúncia e a crítica de injustiças. Estes aspectos eram trabalhados nas fábulas a partir inicialmente do comportamento antropomórfico dos animais, como pregava Aristóteles. Tempos mais tarde, pôde-se constatar a presença de pessoas como personagens nas produções de exímios fabulistas.

Para o desenvolvimento da comunicação, será utilizado o aporte teórico da análise do discurso de linha francesa, elaborado por Michel Pêcheux. O seu desenvolvimento propõe a aplicação de um método que não se limite apenas a trabalhar o discurso a partir da lingüística, mas se voltar para o exterior, visando contemplar ao máximo a complexidade discursiva.

Diante da teoria polifônica da linguagem, de Ducrot, estabelece-se a idéia de não-unicidade do sujeito. Partindo dessa concepção, o locutor não é o responsável único pela produção discursiva. Neste contexto, o sujeito está disperso, pois na elocução encontram-se marcas discursivas as quais assinalam a presença de outros discursos, de outras vozes que se digladiam numa arena dialógica e se firmam como parte produtora da enunciação. Assim, tem-se a linguagem como a arena, o local de conflitos, de embates ideológicos. O discurso, dessa forma, é atravessado pelo discurso do outro, evidenciando a presença de outros discursos (interdiscurso). Portanto, na perspectiva discursiva, ela deixa de ser apenas um simples instrumento de comunicação e passa a ser interação social, já que seu mecanismo de funcionamento abarca não só o lingüístico, mas também o extralingüístico.

No intuito de reconhecer o posicionamento da ideologia na produções fábula, de que forma ocorre o assujeitamento ideológico que permeia o espaço discursivo, utilizou-se a teoria de Althusser (2003), acerca dos Aparelhos Ideológicos de Estado – AIE – e os Aparelhos Repressores de Estado – ARE. A essa teoria, será aliada a concepção de ideologia em Chauí (1997), que a define como “ uma elaboração intelectual sobre a realidade, feita pelos pensadores ou intelectuais de sociedade [...] que descrevem e explicam o mundo a partir do ponto de vista da classe dominante de sua sociedade”. A partir daí, a ideologia é tida como um instrumento de alienação social.

Os AIE – que compreendem a igreja, a escola, a família, o sindicato, os *media* etc – afetam ideologicamente a sociedade, dividindo, assim, grupos, repartidos por meio do assujeitamento ideológico. Desse modo, o sujeito se encaixa em determinado grupo social comungando de ideais afins, de convicções que têm por finalidade orientar suas ações.

Já os ARE – representados pelo Governo, pelo exército, pela polícia etc – agem inversamente aos AIE, primeiro através da violência (muitas vezes física) e secundariamente pela ideologia. Dessa forma, os ARE, juntamente com os AIE funcionam como aparelhos de submissão utilizados na sociedade.

A formação discursiva é a representação da formação ideológica no discurso. Portanto, pode-se dizer que a ideologia se materializa no espaço discursivo, englobando, desse modo, as formações discursivas. A ideologia materializa-se no discurso.

Para compreender uma determinada formação discursiva, faz-se necessário conhecer as condições de produção, já que uma palavra pode significar diferentemente a depender do lugar social de onde se fala. A palavra, sob esse aspecto, passa a ser polissêmica por excelência, obtendo significação plurivalente, condicionada ao contexto na qual se está inserida, tornando-se, assim, interativa ao plano social, ao político, ao ideológico, enfim, ao extralingüístico.

O desenvolvimento da formação discursiva implica haver formação ideológica. Ao se ter, em uma formação ideológica, o assujeitamento do sujeito remete-se à questão interdiscursiva. O interdiscurso percorre as fronteiras das relações de sentido mediante uma posição estruturante basilada no esquecimento. Dessa forma, há predominância de dois elementos: a ideologia e o

inconsciente. Falar em interdiscurso é falar em memória discursiva. O que já foi dito deve ser esquecido, permanecendo no inconsciente, para que o discurso possa ter sentido no sujeito. A memória discursiva resgata o “já-dito” para que este faça sentido determinado pelas condições de produção.

Portanto, a AD se constitui como uma forma de abordagem analítica que não se propõe apenas dizer o que o discurso significa, mas sim, como ele significa, propondo-se levar em consideração a relação linguístico-histórica de produção de sentidos. A partir daí, a linguagem passa a ser tratada não somente sob seu caráter estrutural, mas como acontecimento, produto da relação do sujeito com a ideologia; com a sociedade; com o tempo; com seu lugar ocupado na história.

## DESENVOLVIMENTO

### A Galinha Reivindicativa Ou the hen's liberation

Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontraram-se no fundo de um quintal e, entre uma bicada e outra, trocaram impressões sobre como o mundo estava mudado. O galo, porém, fez questão de frisar que sempre vivera bem, tivera muitas galinhas em sua vida sentimental e agora, velho e cansado, esperava calmamente o fim de seus dias.

- Ainda bem que você está satisfeito – disse a galinha. – E tem razão de estar, pois é galo. Mas eu, galinha, fêmea da espécie, posso estar satisfeita? Não posso. Todos os dias pôr ovos, todo semestre chocar ovos, criar pintos, isso é vida? Mas agora a coisa vai mudar. Pode estar certo de que vou levar uma vida de galo, livre e feliz. Há já seis meses que não choco e há uma semana que não ponho ovo. A patroa se quiser que arranje outra para esses ofícios. Comigo não, violão!

O velho galo ia ponderar filosoficamente que galo é galo e galinha é galinha e que cada ser tem sua função específica na vida, quando a cozinheira, sorrateiramente, passou a mão no pescoço da dodivanas e saiu com ela esperneando, dizendo bem alto: “A patroa tem razão: galinha que não choca nem põe ovo só serve mesmo é pra panela”.

MORAL: UM TRABALHO POR JORNADA MANTÉM A FACA AFASTADA (Fernandes, 1999, p. 22).

A fábula teve sua apresentação em um momento de reivindicações – como pode ser observado no título –, no qual se destaca a luta da mulher pelos seus direitos, pelo desmantelamento da ideologia machista, pela sua afirmação como ser social. Em “A Galinha Reivindicativa” pode ser observada a situação feminina no referido momento histórico. O sujeito galinha representa, em sua simbologia, a dimensão arraigadora, o ser prosaico impregnado de limitações, circunscrito a um espaço pré-determinado decorrente de sua condição existencial. Ao receber o modalizador, “Reivindicativa” passa a estabelecer-se uma ruptura ante o paradigma ideológico até então procedente, passando a articular-se uma outra forma de significação no ambiente social. Traduz-se, então, a eclosão de um movimento sociopolítico originado na Inglaterra e nos Estados Unidos no século XIX, que ressurgiu com profusão de sectários entre as décadas de 50 e 60. É como referência ao local no qual o movimento feminista nasce que é posto o subtítulo em inglês *the hen's liberation*.<sup>†</sup>

<sup>†</sup> Tradução: “A liberação dela”.

Em se tratando de uma época de transição, torna-se importante aclarar que toda mudança dentro de um determinado contexto social implica embate ideológico, no qual em uma arena virtual várias vozes digladiam. Portanto, passa a ser efetivamente passível de dissidências, de oposições. A partir dessa idéia constata-se o proficiente jogo de palavras com o qual o locutor – L – articula o primeiro período da fábula. Inicialmente, observa-se a utilização de dois léxicos aparentemente antonímicos: certo X incerta. Observados no contexto em que foram empregados, causam uma falsa impressão de oposição semântica. Passa-se, então, a receber um valor sinonímico, já que formam expressões nas quais há uma impossibilidade de obter exatidão temporal. Não se pode identificar especificamente a que dia e a que data se refere o L.

No segmento do período, concomitantemente, é estabelecida uma posição antagônica. A sobreposição respectiva de um elemento opositivo às expressões antecedentes denota a estreita relação com os acontecimentos sociais, com suas contradições e conturbações próprias de um período em transição. Na figurativização “um galo velho e uma galinha nova” ocorre o estabelecimento de duas situações: uma situação velha e uma situação nova.

A primeira representa o conservadorismo, a ideologia machista, a qual prepondera naquele momento. Essa, por sua vez, estabelece parâmetros de conduta social que têm por base a tradição oriunda de um encadeamento ideológico elaborado por uma elite intelectual formada pelos “pensadores da sociedade”. Estabelece-se, a partir dessa ótica, distinções de direitos e deveres entre os elementos compositores de uma camada social. A tabela 1 evidencia algumas distinções partindo da visão identificada na representação da situação antiga da sociedade entre o ser masculino e o feminino:

Tabela 1.

HOMEM	MULHER
Oportunidade de busca profissional	Pré-determinação de ocupação doméstica
Patriarca	Mãe
Detentor do sustento familiar	Criação da prole
Permissão para a poligamia informal	Monogamia
Liberdade	Cerceamento
Direitos e deveres	Menos direitos que deveres

A segunda representa o surgimento de uma nova posição ideológica que vai de encontro às postulações das tradições patriarcais. O feminismo irrompe no cenário social abalando os pilares conservadoristas para lutar por um novo papel comportamental da mulher ante a sociedade. A tabela 2 procura reproduzir de forma sucinta as principais aspirações do movimento feminista:

Tabela 2.

FEMINISMO
Igualdade de direitos
Oportunidades iguais na educação e no trabalho
Liberdade sexual e de reprodução
Participação ativa na vida política e social

Na fábula, o quintal representa o local restrito no qual a “galinha” vive prosaicamente. Ao se encontrarem “no fundo do quintal”, constata-se que o espaço se torna ainda mais circunscrito. A figurativização passa a idéia de que a conversa entre a galinha e o galo sobre “como o mundo está mudado” ocorre em um local onde há alimentos, os quais estão sendo consumidos, já que os sujeitos se encontram “entre uma bicada e outra”. Ironicamente, o ambiente sugerido é a cozinha, espaço que, diante do pensamento social patriarcal, é da alçada feminina, o que remete ao adágio popular ideologicamente machista de que “lugar de mulher é na cozinha”.

No momento em que se observa a presença de uma voz genérica, uma enunciação de caráter social, marcadora dos conceitos presentes na época em que foi produzida / propagada, remete-se, assim, ao conceito de não-unicidade do sujeito, estruturada por Ducrot (1987) em sua teoria polifônica da linguagem. O senso comum, portanto, surge regulado pelos Aparelhos Ideológicos que, por sua vez, junto à voz genérica, serão responsáveis pela articulação do interdiscurso. Observa-se, então, uma interação entre formas discursivas as quais vão dar lugar a um novo, evidenciando que a todo discurso dá-se, em seu interior, a presença de outros, formando um ciclo discursivo inextinguível.

Logo depois de trocarem impressões sobre as mudanças do mundo, o galo, Enunciador 1 – E<sup>1</sup> –, faz questão de destacar que, do modo como estava, para ele nada havia sido ruim. Tal conclusão constata-se através do seguinte discurso indireto: “O galo, porém, fez questão de frisar que sempre vivera bem, tivera muitas galinhas na sua vida sentimental e agora, velho e cansado, esperava calmamente o fim de seus dias”. Nota-se, dessa forma, a presença da polifonia. De um lado, tem-se a voz genérica, a voz de um grupo ideológico evidenciando, sob a égide de uma posição interdiscursiva, suas idéias, suas crenças, suas convicções, elementos que orientam determinadas ações de um grupo social. Esse posicionamento é observado diante da caracterização do L., sendo este o responsável pela elaboração da referida paráfrase social. De outro lado, evidencia-se uma situação metafórica pelo posicionamento ideológico do personagem que, sendo “galo”, desencadeia um processo isotópico, o qual, por sua vez, se aclara no âmbito da presente figurativização do aludido grupo social. A presença do discurso indireto faz com que haja uma aproximação subjetiva do posicionamento do L. no momento em que imiscui seu discurso ao do E<sup>1</sup>, dentro de uma perspectiva polifônica.

O emprego do operador argumentativo “porém” ratifica o estado satisfatório do sujeito (galo) com a antiga situação. Por tudo sempre correr bem em sua vida, não havia motivos para maiores preocupações que visasse a uma modificação estrutural na sociedade. Portanto, esperava “tranqüilamente” a morte com a doce certeza de ter aproveitado bastante a vida. A exemplificação que ratifica a passagem feliz pela vida é uma forma de afirmação da liberação

sexual masculina, um dos itens reivindicados pelo movimento feminista marcando a busca das mulheres pelos direitos iguais.

Na seqüência, o Enunciador 2 – E<sup>2</sup> – mune-se da ironia para iniciar sua enunciação. No período “- Ainda bem que você está satisfeito”, de início, a expressão “Ainda bem” remete a uma posição satisfatória da galinha em relação à situação do galo. Porém, percebe-se que, mediante o posicionamento irônico, o que se quer, realmente, é estar na mesma condição em que o galo se encontra, reivindicar a “igualdade de direitos”. Em seguida, há a complementação da enunciação que aponta justamente para o sexo como o principal responsável por sua situação. Ao dizer “Mas eu, galinha, fêmea da espécie, posso estar satisfeita? Não posso”, pode-se observar que não bastou dizer “galinha”, mas sentiu necessidade de ratificar - “fêmea da espécie” - sua posição de sexo feminino. A fase da alienação social estava sendo sucumbida pela insatisfação da mulher com a situação que lhe foi atribuída pela sociedade. Não havia mais motivação para que a vida se restringisse a cuidar da casa e dos filhos. A mulher passou a almejar mais, a lutar pelo direito de viver como “galo, livre e feliz”.

A insatisfação da galinha culmina em uma negação da obrigatoriedade de viver como tal. Então, ela deixa de chocar e de pôr ovos, deixa de exercer a função que a ela foi biologicamente estabelecida com o objetivo de conquistar a liberdade. Para se eximir de qualquer responsabilidade enuncia: “A patroa se quiser que arranje outra para esses ofícios. Comigo, não, violão!” O lugar histórico de uma patroa é o de alguém que manda, que ordena, que delega funções. A figurativização da patroa na fábula representa a sociedade, a qual determina os padrões de conduta às pessoas que a compõem, determinando, dentro de suas leis e de seus objetivos, o que é certo e o que é errado, o que deve ou não ser feito. Na frase “Comigo não, violão!” tem-se uma expressão popular muito utilizada no início da década de 60, o que marca o momento histórico da produção discursiva.

Durante o posicionamento do E<sup>2</sup>, cristaliza-se a exposição ideológica por meio do discurso direto. É nele que se dilata o critério de subjetividade textual, já que mantém seus traços subjetivos (interrogações, exclamações, expressões de desejo). Assim, o L. passa a ser um intermediário por apresentar a “reprodução fiel” do discurso do E<sup>2</sup>. O discurso direto, portanto, promove o afastamento do L. No entanto, não se pode eximi-lo de um grau, ainda que inferior, de subjetividade, pois, a partir do momento em que há um critério de escolha na inserção um enunciado, mesmo em se tratando de discurso direto, há um posicionamento, há uma atitude subjetiva.

No último parágrafo que se segue, o galo – E<sup>1</sup> – “ia ponderar filosoficamente que galo é galo e galinha é galinha e cada ser tem sua função específica na vida”. Munido de argumentos sócio-filosóficos, o galo ia procurar dissuadir a galinha a partir de uma visão machista sobre a questão existencial pré-estabelecida dos seres masculinos e dos seres femininos, discurso já há muito tempo existente no ambiente social, utilizado sob forma de segregação ideológica como meio de manter o comportamento social dentro dos padrões idealizados. A argumentação do galo remete ao que Marilena Chauí caracteriza como “alienação social”, responsável pela vivacidade hegemônica das leis de organização social implementadas pela classe dominante a partir de uma “elaboração intelectual”, que seria a ideologia.

A alienação social se exprime numa ‘teoria’ do conhecimento espontânea, formando o senso comum da sociedade. Por seu intermédio, são imaginadas explicações e justificativas para a realidade tal como é diretamente percebida e vivida. (...)

Esse senso comum social, na verdade, é o resultado de uma elaboração intelectual sobre a realidade, feita pelos pensadores ou intelectuais da sociedade (...), que descrevem e explicam o mundo a partir do ponto de vista da classe a que pertencem e que é a classe dominante de sua sociedade. Essa elaboração

intelectual incorporada pelo senso comum social é a **ideologia**. Por meio dela, o ponto de vista, as opiniões e as idéias de uma das classes sociais – a dominante e dirigente – tornam-se o ponto de vista e a opinião de todas as classes e de toda a sociedade (CHAUÍ, 1997, p. 174).

Na seqüência do período, tem-se: “quando a cozinheira, sorratamente, passou a mão no pescoço da dodivanas e saiu com ela esperneando, dizendo bem alto: ‘A patroa tem razão: galinha que não choca nem põe ovo só serve mesmo é pra panela’”.

O trecho acima coopta o conceito do que vem a ser formação social e ideologia sob a égide das postulações de Althusser. Dentro desse conceito, são estabelecidas diferenças entre os Aparelhos Repressores – ARE – e Aparelhos Ideológicos – AIE –.

O comportamento da cozinheira para com a galinha pode ser claramente entendido no ensaio de Althusser ([1985] 2003) acerca da relação estabelecida entre os Aparelhos Repressores de Estado (ARE) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), como se pode observar na seqüência:

O papel do aparelho repressivo do Estado consiste essencialmente, como aparelho repressivo, em garantir pela força (física ou não) as condições políticas da reprodução das relações de produção, que são em última instância relações de exploração. Não apenas o aparelho de Estado contribui para sua própria reprodução (existem no Estado capitalista as dinastias políticas, as dinastias militares etc.) mas também, e sobretudo o Aparelho de Estado assegura pela repressão (da força física mais brutal às simples ordens e proibições administrativas, à censura explícita ou implícita, etc.) as condições políticas do exercício dos Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, [1985] 2003, p. 74).

Portanto, os ARE agem primeiramente através da violência, enquanto os AIE, figurativizados pela patroa, aparecem motivados pela ideologia. A cozinheira apresenta os ARE, censurando, com base nos AIE, o comportamento da galinha, a qual, por sua vez, encontra-se impedida de proclamar uma ideologia destoante da afirmada pela classe dominante e insere no contexto social.

A moral existente no final do texto “Um trabalho por jornada mantém a faca afastada” sintetiza a presença das ideologias impregnadas na fábula. Entre elas, além da machista, da capitalista, pode ser identificada nesse trecho principalmente a ideologia repressora, a qual perdurou por décadas na sociedade brasileira, principalmente no período ditatorial. Ao desfigurativizar a aludida citação, tem-se a idéia de que é necessário ir ao encontro das doutrinas vigentes dia a dia, corriqueiramente, no intuito de “manter a faca afastada”, ou seja, de evitar represálias, conseqüência evidente de qualquer tipo de transgressão ao modelo de conduta, à alienação social, enfim, a qualquer movimento reacionário que pudesse desmontar as estruturas ideológicas basilares existentes.

## CONCLUSÃO

Assim, a partir da análise realizada, tornou-se possível observar como os choques ideológicos marcaram a referida época. As reivindicações, as lutas pela ratificação de um Estado democrático estão figurativizadas na fábula, bem como a impossibilidade de modificar a realidade social, já que não se conseguia modificar uma realidade. Diante disso, tem-se, a partir da análise de marcas discursivas, da aplicação da AD, a caracterização da produção fabulária

como não somente produtora de um único sentido, ficcional. Desenvolve-se, também, como instrumento de crítica social, de local em que várias vozes digladiam, como uma teia discursiva na qual se é possível compreender a caracterização de suas condições de produção, possibilitando visualizar uma situação sócio-histórica em meio à camada alegórica, apresentando-se, por fim, como o simulacro de uma realidade.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1997.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Ingedore G. V. Koch et al. Campinas: Pontes / EDUNICAMP, 1987.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nordica, 1999.